

Natal

«Ninguém subiu ao Céu senão Aquele que desceu do Céu, o Filho do Homem, que está no Céu» (Jo 3/13) «... para encher o Universo» (cf. Ef 4/10).

NESTES dois versículos se lê a substância do Mistério do Natal — princípio da plena execução do projecto salvífico de Deus, que criou pelo Filho e pelo Filho recria: Por Ele, com Ele, nEle; sem Ele não há Salvação.

Sublime encontro o daquela noite em que Nicodemos procurou Jesus. Luminosa essa noite em que o homem, «nascido da

carne», escuta do Filho do Homem, «que nasceu do Espírito», a palavra de ordem: «Tendes de nascer de novo». Tal encontro é, definitivamente, esclarecedor dos desígnios de Deus.

O Filho de Deus desceu do Céu e nasceu entre nós Filho do Homem, exactamente para que os homens nasçam de novo. «Porque Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o Seu Filho único (...) e enviou-O, não para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele» (Jo 3/16,17).

Isto é o Natal. Não aquela festa iluminada com lâmpadas coloridas e enfeites e mesa posta com acepipes tradicionais. Tampouco uma celebração de ternura em volta de uma manjedoura com um menino dentro, que se convencionou um intervalo de bondade no meio de tanto egoísmo que tempera os nossos hábitos.

Celebrar o nascimento de Jesus é, a partir dEle, com o dinamismo de alma que Ele nos trouxe, dispormo-nos a renascer para uma vida diferente, num mundo em que não caiba mais o homem-«lobo do homem», antes o homem-«irmão de todos os homens», obreiro da profecia de Isaías: «O lobo viverá com o cordeiro e a pantera conviverá com o cabrito; o bezerro e o leãozinho andarão juntos e um menino os poderá conduzir; a vitela e o urso pastarão juntamente e o leão comerá feno como o boi; a criança de leite brincará junto ao ninho da cobra e o menino meterá a mão na toca da víbora».

Isto é a utopia do Natal que Jesus legou aos homens para que a desmitificassem e a fossem progressivamente consumando em realidade. Só com este espírito, com esta profunda intenção, com esta ousadia transcendente, os homens, discípulos



assumidos dO que desceu para subir e fazer subir ao Céu todos os homens, são dignos do Dom de que foram entregues e podem celebrar, com verdade, com justiça e com mérito, o aniversário do seu Mestre.

Todo aquele a quem Deus deu a paixão de levantar os caídos, tem de descer do Alto, tem de se transportar Lá com todos os recursos de alma, antes de descer — para que não seja em vão a sua descida. Assim foi, com certeza, com o Bom Samaritano apresentado por Jesus no Evangelho como modelo aos Seus discí-

Continua na página 3

BENGUELA

A fome é uma chaga viva!

QUEM me dera receber sempre bem os que têm fome! Mas eles são tantos, tantos, que a nossa paciência, por vezes, esgota-se. Todos os dias batem-nos à porta, cada vez em número maior. São gente nova e gente mais velha. A chaga da fome, em vez de cicatrizar, está mais funda. Como aliviá-la?

«A fome é má conselheira», diz-se. Estou a pensar, neste momento, nas crianças que buscam todos os meios para sobreviver. Tudo é lícito... Como vai ser o futuro delas? A carência, agora experimentada, vai continuar a marcar as suas vidas. A marca fica pela vida fora. Hábitos, agora adquiridos, garantem uma vida insegura. E as crianças são a maioria deste nosso povo. É impressionante a reflexão sobre este tema.

Apetece-me dizer, mais uma vez, que a seara está preparada para o trabalho decisivo. Ela chama por gente. É a hora. Quem está ocioso ou ociosa?

A acção da Escola é importantíssima. Demos-lhe, por isso, um lugar privilegiado no nosso programa de vida. A acção nefasta do ambiente social é de tal ordem que algumas

Continua na página 4



TRIBUNA DE COIMBRA

No dealbar de um novo milénio

OS dias correm frios como a neve. Das lareiras das nossas casas irradia um calor que torna o ambiente mais familiar e aconchegado. Todos se acercam. Os mais pequenos procuram-no de mãos estendidas.

Grande salto qualitativo na vida da Humanidade, a descoberta do fogo! Como esteve escondido durante milénios! E, depois, numa manhã fria da história da Humanidade, uma faísca, uma fogueira — e o homem mudou. Assim na vida natural. O mesmo na vida sobrenatural. Deus também não mostrou toda a Sua sabedoria nem o Seu coração se abriu de uma vez só. Nós não o suportaríamos. Foram pequenos acenos, palavras breves, apelos concretos a uma pessoa, a algumas poucas — a um povo. Mais tarde, na plenitude dos tempos — como no-lo recorda o Apóstolo — à Humanidade toda. Foi Jesus Cristo. A Sua Pessoa, o Seu destino histórico, a Sua vida, morte e ressurreição.

E, como na revelação dos mistérios sondáveis da natureza, há escondimentos surpreendentes que dão tempera à paciência do investigador, também os há, insondáveis, na pedagogia divina. O Natal constitui a evocação de um, revelado sem precedentes. Nele, a história quase se condensa num acto único. Fica-nos, dele, a extrema humildade de Deus que vem ao encontro do homem.

Nem sempre é fácil descobrir os sinais dessa presença continuada na história. Aliás, até a envolvimento festivo o dificulta. O contacto diário com os Pobres dá-nos algo dessa dimensão revelada por Deus no Natal de cada ano. Só os corações pobres e desprendidos, como o foram o dos pastores, naquela noite fria de Belém, sabem admirar e compreender os ritmos de fundo da história.

Seria assombroso descrever a descoberta do fogo. Gente camba-

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

NATAL — É o Advento. Não tardará o Natal!

Nesta quadra lembramos, um pouco mais, os Pobres que vivem sabe Deus como.

A propósito, lemos uma breve nota que testemunha a permanente inquietação do Santo Padre por quantos sofrem carências de toda a ordem, quando, há pouco, recebeu os participantes da assembleia plenária do Pontifício Conselho «Cór Unum».

Agradeceu o solfício trabalho a favor dos carenciados de todo o Mundo, e as suas numerosas iniciativas de caridade tendo como motivo o Ano Santo em 2000.

No seu discurso sublinhou que os seres humanos estiveram sempre interessados pelo «mistério da Justiça de Deus diante do problema do mal e da dor, da miséria presente no mundo, do sofrimento injusto de muitos. Frente a estas situações — disse — não podemos permanecer indiferentes; pelo contrário, o Grande Jubileu deve ser uma ocasião propícia para renovar a adesão de fé a Deus e para intensificar a nossa generosidade com quem se encontra em dificuldade». E, concluiu, nem todas as necessidades da Humanidade são d'ordem material: «São a fome e a sede de Deus as que, ainda hoje, como em todos os tempos, não se apagam das consciências».

PARTILHA — O assinante 32986, do Porto, abre a procissão: «Vem aí o Natal, o frio, e, em consonância, remeto um cheque destinado aos Pobres, também».

Outro, da assinante 31442, de Vila Nova de Gaia: «Gostaria que o mundo não precisasse de obras como a vossa. Mas, face à necessidade, sabemos que o nosso contributo tem um destino adequado».

Do Porto, oferta da assinante 60788, para os Pobres «que são também nossos — sublinha — pela obrigação que temos, pela caridade cristã».

Assinante 17001, da Cidade Invicta, um remanescente de contas.

Doze mil, da assinante 56094, Queluz, «para repartir com os mais desprotegidos, pois não quero só comprar ou receber bens de consumo, gostaria também de dar — e Deus me ajude a seguir sempre os Seus caminhos».

Assinante 33337, de Cacém: «Há alguns anos que, nesta quadra, vos escrevo para dizer presente! Aqui estou, por vontade e

Graça de Deus, com a minha oferta: 26.400\$00».

Cinco mil, do assinante 59525, de Gueifães (Maia), «para os mais necessitados». Seis mil, do assinante 65012, de Póvoa da Atalaia, «para aquilo que acharem mais necessário». Mil, do assinante 14590, de Loures, «para ajudarem a resolver os problemas dos Pobres. Quando posso, procuro marcar presença...»

Assinante 50091, da Capital, «pequena quantia para a minha assinatura d'O GAIATO e a migalha que resta para o pãozinho dos mais necessitados». Três mil, do assinante 56804, do Porto, «para ajudarem um velhinho em qualquer coisa que lhe dê satisfação». Dez mil, da assinante 5471, também do Porto, pedindo orações «pelo meu lar, pelos meus filhos».

Agora, vêm lá, Amigos que aparecem muitas vezes:

Assinante 31104, de Lisboa: «Leio, n'O GAIATO, o que brota do coração de todos aqueles que aliviam o sofrimento alheio. Também sinto assim e é com muito amor que procuro atenuar regularmente as carências dos que necessitam. Sem caridade não sei viver e é ela que me vai dando forças para prosseguir a jornada que Deus me destinou».

Assinante 4395, de Vila Nova de Famalicão, cheque de dez mil, acrescentando: «Mais uma migalha para juntar às outras que vão chegando, todas elas poucas para as carências que aparecem no dia-a-dia».

Com os votos habituais, três mil, do assinante 42971, de Ovar. Idem, da assinante 25423, de Vila Nova de Gaia.

Fecha a procissão, também com três mil, a «avó dos cinco netinhos», de Setúbal.

Retribuimos, com amizade, os votos de santo Natal.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome

de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Antigos Gaiatos de Malanje

É NATAL! — Os pinheiros invadiram as nossas casas. Enchem-nas de cor, devolvem-lhes a magia perdida há um ano atrás. Nas lareiras crepitam velhos troncos de madeira e as famílias reúnem-se para se instalarem no presépio, um claro sinal de que ainda gostamos de saudar o nascimento do Menino.

Não podemos imaginar uma criança festejar o Natal distante de uma família, saudosa do carinho materno e dormindo nas ruas.

Nas ruas, a uma criança faminta é proibida a sua aproximação junto dos restaurantes, pastelarias e padarias que exibem, nas montras, a fartura de iguarias muito desejadas na infância.

Às crianças da rua restam apenas as lixeiras para disputarem os restos e aliviarem a fome, ficarem com o sono perturbado, ataques dolorosos dos parasitas de pele e infecções diversas.

O homem devia colocar toda a sua inteligência e coragem ao serviço da criança abandonada. Evitar os maus tratos da infância e fazer adultos alegres e responsáveis. Assim, ia construindo todos os dias um Natal.

As notícias que nos chegam de Malanje não são animadoras! A paz em Angola ainda não foi alcançada. As ruas de Luanda e de outras cidades estão cheias de crianças que vão às lixeiras

RETALHOS DE VIDA

«Vila de Rei»



Sou o Carlos Oliveira Joaquim, mais conhecido por «Vila de Rei». Tenho 14 anos e estou cá, há cerca de um ano e meio. Sou natural de Abrantes e vivi em Vila de Rei. Daí o nome que a malta me pôs!

Vim para a Casa do Gaiato, pois fugia da Escola para roubar. O meu pai batia na minha mãe e não gostava de mim. Tinha muitas dificuldades económicas e uma vida triste.

Frequento o 6.º ano e quero ser padeiro.

Carlos («Vila de Rei»)

e vigiam cada movimento, na escuridão, temendo a presença dos que chacinam sem piedade. Estas crianças também têm direito a um Natal.

Todos nós, que entrámos nas Casas do Gaiato, tivemos problemas na nossa infância e alguns ficámos condicionados no seu crescimento moral e afectivo. Muitos recuperaram tudo aquilo em que já não acreditavam e tornaram-se adultos responsáveis, recuperando a alegria de viver. Isto é Natal!

Uma senhora, amiga da nossa Casa do Gaiato de Malanje, encontrou-me na cidade de Setúbal e solicitou a elaboração duma crónica para o Natal. Escrevo sempre que posso e com prazer, mas fazia-o com muito mais galhardia se no dia da festa estivesse junto do nosso Padre Telmo, com os nossos irmãos que, na Casa do Gaiato de Malanje, terão um Natal mais pequeno que o nosso, mas não menos alegre.

Para todos, votos dum Natal cheio de fraternidade e amor.

P.S. — Não consegui estar presente no último convívio. O próximo será na casa de praia de Sintra, se o nosso Padre Manuel Cristóvão disponibilizar as referidas instalações.

Manuel Fernandes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Como sempre, em nossas reuniões quinzenais é feita uma reflexão. Na última, o título da referida leitura foi: «Procura-se um menino».

O tema faz lembrar a época festiva que se aproxima, uma Festa do Amor de Deus para com todos.

Mas, nota-se cada vez mais, nesta sociedade, que o tal Amor de Deus, cujo apogeu foi a Sua cruz, anda esquecido do mundo que se acotovela nas correrias das grandes superfícies comerciais.

Não se lembram que o Menino, que fará 2000 anos, nasceu pobre, viveu pobre e morreu paupérrimo.

Muitos de nós, que um dia também nascemos pobres, já não nos lembramos disso. Então, porque a vida nos sorriu, esquecemos os que nasceram pobres, mas tiveram a infelicidade de a vida nunca lhes ter sorrido; ou aqueles a quem a vida sorriu mas, pelas suas contrariedades, pelas suas doenças ou, até, pela sua má cabeça voltaram à pobreza em que tinham nascido.

Alguém escreveu: «Não consigo imaginar melhor admiração a Deus, do que tra-

balhar, em Seu Nome, para os Pobres, com os Pobres».

A última visita aos irmãos mais carenciados foi um pouco tarde. Notámos a sua preocupação pela demora. Não pela ajuda que lhes levamos e que vem das vossas mãos, mas pelo amor que existe entre nós.

A senhora que anda, já há muito, na hemodiálise, encontrámo-la, na cama, toda pisada e com fractura na bacia. Agora, os filhos levam-na ao colo, até ao carro que a transporta ao hospital para fazer os tratamentos. Continua a cruz desta nossa amiga, que ainda por cima tem que dar de comer aos filhos que insistem em não trabalhar, embora já homens!

A viúva que ficou com o filho da deficiente, está sem trabalho porque lhe apareceu uma doença nos braços e não pode pegar em painéis pesadas. Trabalhava como cozinheira.

O casal de velhinhos, ele nu da cinta para baixo, sentado na cadeira onde faz as necessidades. Ela continua com os seus queixumes, dos netos e da filha que agora anda por lá, com o homem...

Estes três casos são de irmãos nossos que têm vergonha de vir para a rua estender a mão à caridade e que também contam com o tal Amor do Deus-Menino. Que desça até eles, não só nestas datas, mas em todos os dias do ano.

Pela nossa porta tem passado uma outra, com o neto pela mão, que pede roupa de cama.

SAIBAMOS REPARTIR O PÃO

— Um exemplo a seguir! Da Escola EB2/3 Dr. Joaquim Gomes Ferreira, de Valadares, uma carta com oferta que não resistimos a transcrever:

«Vimos por este meio doar esta quantia (10.000\$00) obtida através de um trabalho árduo no ano lectivo de 1997/98 pela turma 9.º E.

Esperamos que o dinheiro chegue em boa altura, pois o nosso objectivo é ajudar os que mais necessitam.»

«Procura-se um menino». Aqui está ele, em cada coração destes jovens.

Ainda há quem não acredite na juventude! Pois que o Menino-Deus vos ajude e dê aquilo que mais desejarem nesta quadra natalícia que se aproxima. Que o vosso trabalho árduo multiplique os seus frutos.

Aqui fica o exemplo para outras Escolas.

Maria Isabel, de Leiria, cheque de 6.000\$00. Vale, de M.M., com 10.000\$00. De quem não se identifica, e pede um Pai Nosso, 50.000\$00.



BENGUELA — Numa casa de família é assim...

Malanje

20/11/98 dentro das espigas; se não houver ceifa não haverá pão...

HOJE, lembrei na santa Missa todos aqueles amigos que se têm lembrado de nós. Uns, através de donativos entregues nas nossas Casas do Gaiato; outros, com as suas orações e amparo espiritual.

Muito importante uma ajuda e um apoio quando não vemos com clareza o terreno do passo em frente.

Cada cartinha que chega, é água fresca numa língua ressequida.

25/11/98

SETENTA e três anos! Fiz hoje... Não festejei. Senti um certo medo e susto. Não da morte... É uma preocupação a nível da nossa Obra: a falta de vocações.

Quem virá? Quem deixará tudo sem olhar para trás, para se dedicar às crianças?

Falta-nos, talvez, a fé do grão de mostarda para o «Deus providenciará».

Mas aflige-nos, ao máximo, a falta de mães e de sacerdotes que se entreguem e mergulhem.

Que bom se alguns sacerdotes angolanos descobrissem e se apaixonassem por esta seara. Ela está madura. O grão está

Por acaso pedi hoje, uma boleia ao Rui. Há já dois anos que ele nos namora. Fez a filosofia. Está fazendo um ano de estágio. Entrará no próximo ano para a teologia. Que o Senhor ponha no seu coração a tal sementinha e esta germine e faça mergulhar no nosso mar em entrega total.

28/11/98

UMA fome que vem das raízes e se manifesta nas doenças e no hábito do roubo. Ela faz girar as crianças em volta das bancas dos mercados como as abelhas em volta das flores. A necessidade é o começo, passa ao hábito e fica vício.

Exemplo desta fome atávica foi o nosso Cauela: quando veio segurava o garfo com a direita para o comer do prato; a esquerda em cima do pão com receio de que alguém lho roubasse; e ao sair do refeitório, sumia-se no campo de milho e assava espigas até empanturrar. Só perdeu o hábito quando fizemos, para ele, uma lavra e, diante de todos, lha entregámos.

A vermos e sentirmos a fertilidade desta terra ficamos tristes quando topamos nas ruas e nas praças com uma multidão de crianças e jovens vendendo pentes, sabonetes e bugigangas. Há dias, topámos com meninos de nove anos vendendo carvão... Não sabem ler, mas ninguém os engana nos trocos!

As nossas escolas e oficinas fazem-me lembrar aquela gota de água que a humidade da noite condensou numa haste de capim e pela manhã caiu no campo ressequido.

Somente a paz e com ela uma renovação a todos os níveis: na educação, trabalho e saúde.

Até lá, reina a corrupção e o atropelo sem controlo.

1/12/98

VOU na grande rua de Luanda de olhos no chão para evitar os buracos e a lama dos esgotos. Há crianças em todos os passeios. Umam brincam despreocupadas e felizes numa verdadeira explosão de alegria... Só visto! Outras vendem, nos seus banquinhos e no chão, milhentas coisas. Mesmo os rostos magros deixam transparecer um «não sei quê» de alegria e de paz.

Em todas as ruas igual multidão de crianças... Elas só vão a suas casas para comerem e dormirem.

Há alguns sinais de Natal: árvores de plástico e, em saquinhos transparentes, bonecas, jogos de luzes e pistolas. De vez em quando um rádio faz o anúncio dos cabazes e termina com uma música de Natal.

Foi então que meu pensamento voou até à manjedoura da gruta de Belém onde o menino-bebé-Jesus dormiu o primeiro sono.

Ele veio trazer a paz, pensei, mas os homens do nosso tempo e lugar procuram as alegrias no dinheiro e no poder...

E matam toda a paz com guerras fratricidas.

4/12/98

TODO o santo dia às voltas na grande cidade. Uns tais parafusos, que levaram a manhã para os descobrir, manteiga, alhos, dobradiças, brocas, discos de corte, remédio dos ratos — um «não acabar»!

No final, a sensação de vazio, mãos vazias! Missionário do Senhor a levar a fé... Qual?

Somente na Capela com mais calma, o Senhor me insinuou: — *O teu compromisso coMigo também abrange as cebolas e os parafusos. Como pai de família cabe-te o pôr dobradiças nas portas e matar os ratos.*

— Se na Tua bondade valorizas estas miudezas, seja... — respondi. De facto, o meu compromisso é total...

Tento com decisão o primeiro degrau da alta montanha e ali me fico a contemplar as flores-amarelo-torrado que semeaste nas carquejas da encosta!»

Padre Teimo

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

leando, não se sabe bem se de contentamento se de medo, diante da descoberta! Assim diante do nascimento do Salvador. É que a história deu um salto. Daí, o medo e o contentamento.

No dealbar de um novo milénio nós queremos ser anunciadores da feliz notícia que tanta luz nos traz e no caminho dos Pobres tanto nos surpreende. É o contentamento que Deus nos oferece em cada Natal. O mesmo que desejamos à multidão dos nossos Amigos.

Padre João

PENSAMENTO

Felizes os que servem por amor.

PAI AMÉRICO

Carta Conservem o «anonimato»!

Com muita satisfação envio um cheque referente a pequena parte do dinheiro recebido em trabalho extra.

Deus deu-me saúde e resistência e acompanhou-me nesse período de tempo tão difícil.

Assim, peço que conservem o «anonimato» por esta pequena oferta que se destina às vossas necessidades.

Assinante 30766

Continuação da página 1

pulos. O sacerdote e o levita que passaram junto do prostrado à beira

do caminho, iam nas suas alturas. Por isso não viram nem pararam. Assim acontece pelo tempo em fora com todos os que, cheios da sua grandeza, aparentam descer mas não levantam porque não é deles a força que faz subir. A força é a de Jesus Cristo, o Deus-connosco, que veio e foi... e ficou no meio dos homens, chamando-os, estimulando-os com a Sua graça a que, uns pelos outros, todos se prestem a subir com Ele à

Natal

presença do Pai. Todos, menos os que absolutamente O recusarem.

Feliz o homem que assim entende o Natal! Esse pertence já à falange dos Santos — os que souberam e experimentaram que as suas vidas só valiam na medida em que «fosse Cristo a viver neles». Por isto, só para isto, o Filho de Deus se fez Filho do Homem.

Padre Carlos

MIRANDA DO CORVO

ESCOLA — Está a chegar o fim do primeiro período de aulas para os rapazes do Lar de Coimbra.

Alguns com boas notas, outros com vontade de estudar para conseguirem melhores notas, mas agora pensam nas férias para descansarem um pouco do estudo.

JARDINS — Estão muito bonitos! Pedro Caldas mais

alguns rapazes trabalham, agora, os jardins por detrás das Escolas. Estamos a preparar um outro para tornar mais bonito aquele canto de nossa Casa.

CAMPO — O nosso campo de futebol está a ser arranjado pelas máquinas do sr. Isidoro, nosso amigo.

Já espalharam a terra e, agora, falta vir a máquina aplanar o terreno e colocar as balizas.

NATAL — Neste mês de Dezembro temos recebido

muitos visitantes com alimentos, roupas e brinquedos.

É neste mês que ensaiamos as Festas. Mas, este ano, não haverá a de Natal. Vamos fazer, para o ano, as Festas nas terras que habitualmente visitamos.

PRESEPIO — Como esperamos o nascimento de Jesus, é bom que construamos um presépio muito grande que custa muito a fazer. Mas, depois de acabado, ficará tão bonito com luzes e músicas!

João «Pequeno»

1.500\$00 da amiga do Lar do Centro Social e Paroquial de São Lázaro — Braga. Assinante 44842, 5.000\$00. Alguém, de Rio Tinto, que não quer que se saiba o nome, 10.000\$00.

Agradecemos e o Menino-Deus nasce em vossos corações para que neles haja paz e amor, nas festas que se aproximam.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Olga e Valdemar

Fernando Marques



O nosso Fernando Marques partiu para o Céu, no dia 30 de Novembro, ao princípio da tarde. Soubéramos que tinha sofrido uma hemorragia cerebral e fora submetido a uma operação difícil.

Somos testemunhas do seu apego à causa da nossa Associação.

Sabemos do seu feitio persistente. Quando metia ombros a qualquer ideia, era sempre com grande empenho. Teimava, teimava e dificilmente os argumentos chegavam para o fazer desistir. Temos em mente a sua luta para a criação de um lar de terceira idade para antigos gaiatos.

Foi um lutador pela fundação da nossa Cooperativa de Habitação, à qual dedicou muito do seu tempo.

Lutou, também, pela unificação de todas as Associações de gaiatos, e, muitas vezes, comentava com mágoa, nada ter conseguido.

A ele, a Associação dos Antigos Gaiatos do Norte fica a dever os encontros no aniversário de Pai Américo, as festas de Natal, até, os passeios-convívio. Ainda, no último, teimou e conseguiu levar o dito até ao fim. Mesmo com custos monetários dele próprio!

Era sempre o Fernando a encabeçar todos os movimentos da nossa Associação. Da minha parte e, pelo menos, várias vezes, tentei desistir mas a sua persistência acabava por me levar com ele.

Estava sempre atento às dificuldades dos outros irmãos que lhe batiam à porta. Nunca os deixava sair sem nada. Tinha um grande coração!

Era daqueles que fazia o bem, não na medida do que dizia ou fazia, mas na medida do que ele era.

Agora, junto a Deus e na companhia de Pai Américo, temos a certeza, intercederá pela nossa Associação, à qual tanto queria.

Para a família do nosso Fernando, em nome da Associação, os nossos sentidos pêsames.

Valdemar Soares

DOCTRINA

Nós aprendemos
com as abelhas



MUITO se tem falado e escrito, nos nossos dias, acerca da Casa do Gaiato do Porto; porém, aqui é que se encontra a única interpretação fiel da Obra da Rua. Podes beber todas as semanas, que as águas desta fonte não são sujas nem envenenadas. De começo apresentam-se os três pequeninos fundadores que seguiram da Casa do Gaiato de Coimbra para Paço de Sousa, no derradeiro dia de Maio, sob o sinal da Cruz. E, aqui, vem já a talho de foice a informação geral de que não há vagas na Obra do Porto. Tenho recebido cartas e recados sem número a solicitar lugares. Não escrevam nem peçam.

O trabalho na Casa do Gaiato é todo feito por eles. A Obra é deles, para eles: nós aprendemos com as abelhas. Trata-se de uma Instituição absolutamente nova, fora e acima de tudo quanto existe no País em matéria de Assistência, fundada na experiência da Casa do Gaiato de Coimbra e na própria natureza das coisas: carrilar o rapaz, respeitando e orientando a sua personalidade.

OS três primeiros são: o António, de Amarante; o Adolfo, de Coimbra; e o Amadeu, de Elvas — ontem sem norte, hoje felizes. No grupo aparece também a figura de um sacerdote. Não é que ele se queira mostrar ao mundo, mas sim para que se saiba e compreenda que o Padre é indispensável nas Obras de regeneração de almas. Não é por ele; é por via da sua missão. A eficácia do seu apostolado está, até, na medida da fidelidade ao mandato que recebeu. Ele é a sigla das obras divinas, penhor da sua misteriosa irradiação: «*Haveis de fazer coisas que Eu não fiz, se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda*». Dizem que o radium tem força; quanto mais a fé que faz cair as montanhas — e tu não acreditas, infeliz!

DENTRO em breve seguem mais pequeninos mestres da Casa do Gaiato de Coimbra para Paço de Sousa, sede da Casa do Gaiato do Porto. Vão-se ocupar no arranjo das mobílias das casas da futura Aldeia dos Rapazes. Nós somos pobres, temos que poupar e ensinar os pequeninos a fazer na mesma. Presentemente, estamos a levantar dos escombros do incêndio que devorou o convento, sucata de ferro, de onde já se armaram umas dezenas de camas que os garotos lixam e pintam, depois de preparadas por um ferreiro da terra; mas nós necessitamos de cem delas, antes do próximo Outono.

ESTA Obra do Porto não pode ser do Estado; ela há-de ser, antes, a menina dos olhos de todos e de cada um dos seus habitantes. É necessário que tu, íncola do Porto, ao topar nas ruas o Pequenino abandonado, possas dilatar o coração fazendo-o conduzir ao que é dele, sem outras recomendações que não sejam a tua bondade e a sua miséria. Ora isso somente é possível com obras vossas. E para que na realidade o sejam, importa ser e chamar nosso a tudo quanto ali existe.

AS camas hão-de ser tuas. Não quero que compres fazenda nova; basta que ofereças aquela de ferro arrumada no sótão da casa desde a meninice dos teus filhos, fora de uso. Há mais carinho na oferta; dás do que é teu. Avisa num simples postal o regente da Casa do Gaiato do Porto — Paço de Sousa, indicando a tua morada, que ele vai ou manda por ela. Se és de fora do Porto, dá mais um passo e despacha para a estação de Cête com aviso ao dito regente. Há nisto mais trabalho e mais mérito. Se não tens nenhuma em casa, por seres pobre, és mais feliz e possuis, por isso mesmo, título qualificado de a pedires a outros. É um acto de humildade e ganhas a dobrar. Eu necessito de sessenta, todas de ferro. Não importa cor nem feio nem estilo; o uniforme é sujeição. No corpo da Criança abandonada tudo diz bem; e repousa em qualquer cama quem nunca a conheceu.

D. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.ª vol. — Campanha de 1943 a 1944)

Continuação da página 1

crianças abandonam a Escola para entrar na «candonga». À busca de pão para matar a fome? Em muitos casos, sim. Mas, em muitos outros, vão à busca do dinheiro fácil para alimentar hábitos que vão adquirindo contra a sua vida.

Não descuramos este ponto: ligar a alimentação à Escola. Deste modo, a fome do corpo é aliviada; e a fome da inteligência, também. A Escola é, assim, o espaço do equilíbrio da criança na fase decisiva da sua vida. A Escola constitui, por isso, um centro de interesse fundamental. Mais importante ainda quando a família vive em tão más condições.

Estamos a falar de crianças. Há dois dias subi ao morro do bairro por causa da cobertura de algumas casas de adobes. Era já ao fim da tarde. Quem me recebeu primeiro? Grupos de crianças espalhados por aquele lugar. Brincavam, cantavam, como se estivessem no melhor dos mundos. Sim, não vejo isto na Europa, por exemplo. Como, aqui? É verdade que a seara está pronta para ser trabalhada. Estas crianças felizes podem, e devem, subir mais. Podem e devem ser mais felizes em condições melhores, dentro do seu «mundo». São acolhedoras. Estão prontas para receber todo o bem humano que há para lhes dar. É uma hora oportuna a que estamos a viver. Os anos passam e deixam o selo da sua passagem. Enquanto são mais novas e mais pequenas, o tempo é favorável também. É mais fácil ajudar a corrigir o que

Benguela

está mal e a semear o novo. Quando passo e olho demoradamente para elas, interrogo-me: — Como ajudá-las a ser felizes, em condições mais dignas de

personas...? Só com pessoas a investir nelas o seu tempo e a sua vida.

Chegou, há dias, de Portugal, uma jovem com o curso de assistente social, que veio integrar-se num grupo de jovens a trabalhar em Benguela. Está contente. — *Muito contente!* disse-me. Vai dedicar o seu tempo a ajudar. Também vai aprender com esta parcela da sua humanidade.

VOLTO a ser muito procurado por causa da cobertura das casas que se vão construindo nos bairros, em volta. Dou voltas à cabeça e não sei como fazer. O custo de cada chapa de *lusalite* é elevadíssimo para o poder de compra desta gente. E o nosso poder está em vossas mãos. Com uma inflação galopante à vista, o que pode fazer o povo? Havemos de encontrar alguma saída. Senhor do Céu, que eu não perca a paz e o caminho para ajudar este povo!

Já se fala em Natal. Na Igreja começou, ontem, o Advento. Quando estas linhas chegarem às vossas mãos, já vai a meio. Na televisão e outros meios de comunicação social, aqui, já começou o Natal dos cabazes nos supermercados da Capital. Que dirá o nosso povo? A maior parte não vê televisão nem lê os jornais...

Bem hajam!

Padre Manuel António

Património dos Pobres

Guerra às barracas

ESTA guerra não é feita, nem pode ser, com armas mortíferas, mas com armas de justiça e amor.

Estamos a animar-nos com a tomada de consciência de muitas autarquias e seus autarcas do grande problema do nosso tempo, que é o de muitos irmãos nossos viverem em barracas, sem quaisquer condições de habitabilidade.

Ainda hoje passámos toda a tarde numa zona em

que elas nos prostraram o coração pelo aspecto de abandono. Cobertas de telhas velhas; o modo como foram utilizadas na construção daquilo que mais nos parecia um caixote; por dentro são amontoados de coisas. Alguns habitantes, donos das mesmas, teimam em não querer sair dali para habitar andares que a autarquia mandou construir. Sempre ali viveram e não se dispõem a pagar a renda estipulada, que não nos parece cara. Nestes casos, as autarquias têm de fazer guerras pacíficas.

Os jornais vão noticiando o empenho que muitos põem no abolir deste mal que deve afligir a nossa sociedade. Tem de ser empenho de todos os que ainda têm a consciência sensível para este problema.

O diário de uma cidade lançava o alerta: «*A guerra às barracas foi ontem aberta pela Câmara Municipal. No concelho existem mais de cento e sessenta*».

O presidente da autarquia alertou para «*o problema mais complicado que é o de tomar conta das pessoas abarracadas porque as instituições do Estado não acolhem quem está nesta situação de abandono e desamparo*».

Apreciamos o trabalho dum grupo de operários que construíam os alicerces para três blocos, que receberão as vinte e quatro famílias que vivem, ao lado,

deficientemente alojadas.

De outro concelho vinha a notícia do programa de realojamento para cento e cinquenta e seis fogos, gente vivendo em precárias habitações.

Aplaudimos a boa nova publicada em diário da Capital: «*Paróquia realoja famílias de um bairro de barracas degradado*».

«*A paróquia descobriu uma forma, até agora inédita, para erradicar uma das maiores chagas da freguesia*».

«*Em curso está já o realojamento das famílias que ocupam as habitações, área onde serão construídos cento e vinte e dois novos fogos*».

Alegramo-nos muito com esta notícia. São caminhos novos que a Igreja está a trilhar. Caminhos que parecem actualizá-la e a que muitos aspiram com ansiedade.

A foto (ao lado) foi tirada ontem, numa aldeia portuguesa. Custava-nos a acreditar nas notícias publicadas. Fomos verificar. Encontrámos o Deus-Menino abarracado em muitos irmãos, à espera de casa decente onde possam morar.

Nesta quadra de Festas Natalícias não recusemos os nossos presentes, conforme a nossa possibilidade e amor: uma casa nova; uma carrada de areia; um saco de cimento; um tijolo; uma janela; uma porta; uma viga; uma telha; um vidro; alguma coisa. O Menino Jesus espera pela nossa prenda. Que seja também o nosso Natal.

Boas Festas!

Padre Horácio

